

Editorial

Começamos o editorial avisando que este dossiê não cumpriu, por vezes, os prazos estipulados. Explicamos: somos mulheres, professoras, pesquisadoras, mães, filhas, esposas, namoradas, em plena pandemia. Estivemos, no mesmo espaço físico, com computadores, celulares, livros sobre educação, mamadeiras, gatos, cachorros, calopsitas e livros didáticos das crianças em pleno ano de 2020. Vivemos isolamento social e até um ciclone bomba.

E, acreditem, fomos muito produtivas acadêmica e pessoalmente. Damos graças pela saúde e ainda, como diria Bordieu (1930-2002), tentamos usar tudo aquilo “que foi criado para se tornar instrumento de democracia direta” como fontes de superação e resiliência, não deixando que as nossas fontes de energia fossem “convertidas em mecanismos de opressão simbólica”, algo nada fácil.

Neste sentido, mesmo que por eventuais atrasos, o dossiê “Pandemia, mulheres, mães, cientistas, pesquisadoras e as tecnologias”, aqui apresentado, representa uma mobilização conjunta perante a preocupação com tal temática, no cenário pós-março de 2020 - COVID-19, criando uma rede de partilha e discussões acerca da relevância da utilização das tecnologias da informação e comunicação no contexto vivenciado frente a reflexões sobre inclusão, currículo, formação, prática docente, aprendizagens criativa, significativa, colaborativa e humanizada.

Frente a isto, este dossiê é um convite à reflexão, a partir de 26 pesquisas e relatos de experiências, acerca das possibilidades de intersecção entre a utilização das tecnologias-maternidade-docência-gênero-ciência-pesquisa-resiliência, os quais são descritos a seguir.

A primeira contribuição internacional ficou a cargo de Yithsell Santiesteban Almaguer e Dayalé Torres Diéguez, ambas da Universidade de Las Tunas, Cuba, com o texto “Madres, professoras, investigadoras, todo a la vez entiempos de coronavirus: historia de muchas”, o qual tem como objetivo aproximar o leitor da realidade de duas mulheres cubanas que em tempos de coronavírus continuaram, por meio do uso de tecnologias, e evitando obstáculos para serem resilientes, manter seu trabalho educacional, científico e investigativo, sem abandonar tarefas como mães e esposas. São abordados elementos relacionados à necessidade de usar as tecnologias de forma otimizada e racional, bem como a importância do processo de formação que se gera nas universidades e que tem impacto em uma sociedade cada vez mais equitativa, para alcançar um desenvolvimento sustentável. Histórias de vida, no seio do COVID-19, que buscam diminuir o distanciamento entre homens e mulheres e valorizar seu trabalho, como um justo reconhecimento de seu papel atual.

A segunda veio de Honduras, em que Julissa Lizeth Lizardo descreve “O desafio de produzir uma pesquisa no meio de uma pandemia: o olhar de uma pesquisadora estrangeira no Brasil”. O artigo de opinião é um relato de experiência do que significa construir uma pesquisa de mestrado a partir do olhar de uma estudante hondurenha no Brasil, no contexto de isolamento social causado pela pandemia do novo coronavírus.

A terceira, por sua vez, vem por meio do texto “Cuidados e educação na pandemia: Uma abordagem a partir dos feminismos latino-americanos” das autoras Paola Bonavitta, Amanda Motta Castro e Desirée Pires, pelo qual relatam que enquanto tudo mudava abruptamente para a virtualidade, as mulheres tiveram que realizar diversas tarefas de trabalho profissional, doméstico e de cuidado simultaneamente. Neste ensaio, refletem, do ponto de vista feminista e latino-americano, sobre as travessias que as mulheres têm enfrentado diante da sobrecarga de trabalho e das responsabilidades na atual conjuntura de pandemia.

Começamos os relatos nacionais com Carolina Bessa Ferreira de Oliveira, docente da Universidade Federal do Sul da Bahia, apresentando uma entrevista

com a Doutora Joana Angélica Guimarães da Luz, a primeira mulher negra eleita reitora em uma universidade federal no Brasil, além de mãe/avó, convidando as/os leitoras/es para conhecer importantes aspectos de sua trajetória e suas percepções sobre a utilização das tecnologias nas atividades da mulher/mãe/pesquisadora/professora frente ao isolamento social. A interação oportunizada pela reitora demonstra sua disponibilidade em compartilhar sua experiência pessoal e profissional, que muito nos ensina em relação ao necessário olhar interseccional na universidade, evocando representatividade e cenários possíveis no âmbito da educação.

A segunda entrevista do dossiê foi realizada pelo pesquisador Gustavo Tanus Cesário de Souza que mostra as perspectivas da professora Fernanda Rodrigues de Figueredo sobre o “ensino de literatura e isolamento social: aulas em tempos de COVID-19”, sendo esta Mestre em Estudos Literários pela UFMG, tendo defendido a dissertação *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*, que é a primeira a estudar as escritoras cotistas publicadas nos Cadernos negros, importante publicação do coletivo Quilombo hoje de escritoras e escritores afro-brasileiros que, desde 1978, vem editando, em antologia coletiva, livros de poemas e contos desses escritores.

Logo, Maria Izáira da Silva Gil, professora e pesquisadora da Secretaria Municipal de Educação - SEMED Manaus, no texto “Mulher, mãe e professora: desafios e ressignificações na prática docente e na pesquisa em tempos de ensino remoto”, relata alguns dos desafios de ser mulher, mãe, professora e pesquisadora em tempos de ensino remoto no Estado do Amazonas, que através de cooperação técnica transmitem aulas por canal televisivo e internet, acompanhado pelos professores por meio de uso de mídias sociais na visão da professora.

“Ouvindo lives enquanto passo a roupa”: relato de experiência de professoras universitárias durante a pandemia de COVID-19” é a narrativa de Luciana Fernandes de Medeiros, da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi/Facisa/UFRN, Renata Meira Veras e de Vanessa Santos de Arruda Barbosa, da Universidade Federal de Campina Grande, na qual as três

professoras relatam que trabalham em universidades federais no Nordeste, têm a mesma faixa etária e dois filhos em idade escolar cada uma. Nos relatos é possível identificar como está a rotina de trabalho durante a pandemia, o cuidado dos filhos e como estão se sentindo diante das discussões na universidade sobre aulas remotas. Observou-se que as professoras estão trabalhando em casa com várias atividades fragmentadas ao longo do dia. Isso tem trazido ansiedade e estresse devido à sobrecarga. Há necessidade de se refletir sobre a saúde mental das professoras universitárias que estão em situação similar.

Ainda da Universidade Federal da Bahia, a professora Maria Eliane Alves de Sousa descreve a “Utilização das tecnologias para defender os direitos das mulheres em tempos de pandemia”, identificando como a sociedade respondeu à necessidade de defesa e garantia dos direitos das mulheres, vulnerabilizados devido à pandemia de Covid-19. Propõe-se uma reflexão sobre as ações efetuadas por meio das tecnologias da informação e comunicação, potencializadas pela internet, para defender e garantir os direitos das mulheres brasileiras ameaçados e violados durante o período da atual pandemia. A pesquisa é bibliográfica e documental em relatórios governamentais e das Nações Unidas, e textos acadêmicos.

Do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal de Santa Maria, Sabrina Marafiga Cardoso Silva, Graziela Escandiel Lima, Fabiane Bayer e Franciele Paraboni Maffini deram destaque aos professores de crianças pequenas por meio do artigo “Afazeres da docência na Educação Infantil: atravessamentos nas trajetórias pessoais e profissionais em tempos de Pandemia”, buscando problematizar as limitações da docência neste nível de ensino tendo em vista a situação de Pandemia que impôs a utilização de tecnologias às redes de Educação Básica, destacando a predominância da mulher nesta docência, o que faz com que se relacionem mais efetivamente, nesse tempo, à docência e a maternidade.

Ainda do sul do Brasil, a mestra Paola Verdun, traz o texto “Formação continuada pela internet durante a quarentena: relato de experiência”, no qual

discute a possibilidade de utilização de algumas tecnologias digitais por professores para a formação continuada durante o período de pandemia pelo covid-19 (novo coronavírus) no Brasil, que vem ganhando ainda mais espaço no cotidiano dos profissionais devido ao isolamento social. Nesta análise, a autora mostra que o processo de educação continuada pela Internet pode ser constituído pela criação de uma experiência de si e pela transformação da subjetividade de uma professora.

As mulheres fluminenses foram representadas neste dossiê pela professora e pesquisadora Bianca de Macedo Abreu, com o trabalho “Mulher, Mãe, Professora e Pesquisadora em Tempos de Pandemia: mas, esta história nem sempre foi assim...”, tratando da multiplicidade do ser mulher e da diversidade de funções desempenhadas por ela em seu cotidiano em tempos de pandemia, da rotina alterada e intensificada da mulher como mãe, companheira, dona de casa, profissional, estudante e pesquisadora. Este texto tem a centralidade na mulher, valorizando sua história de luta por igualdade social que permite reconhecimento dos diversos papéis concomitantes exercidos por ela nos dias atuais, ecoando sua voz nas casas, famílias, trabalhos e até em cargos de maior poder de um país.

A necessária estruturação de “redes femininas de apoio nas ciências exatas” foi destacada pelas pesquisadoras Viviane Brito Nogueira e Izabela Lima Paiva. A partir de depoimentos coletados, focando nos pontos de interseção entre os depoimentos, encontrou-se: sentimento de rejeição no dia a dia; consequências na saúde mental; ausência de pesquisadoras como referência em institutos de pesquisa de computação; e como estratégia de enfrentamento tem-se redes femininas de apoio. Diante disso, conclui-se que, apesar do ambiente hostil vivenciado e aqui discutido com bases sociológicas e históricas, o espaço seguro de troca, de apoio emocional e de confiança desenvolvido nas redes de apoio femininas desempenham um papel essencial na permanência de mulheres na ciência. A função das redes se torna ainda mais relevante em meio a pandemia da COVID-19 de 2020.

Ainda sobre o feminino na área das Exatas, Débora Ferreira da Silva, da da UTFPR de Campo Mourão, e Milena Cristina Belançon, do Núcleo de Pesquisas em Participação Política (NUPPOL/UEM), descrevem como é notável a influência da socialização de gênero na vida de mulheres e homens e a partir do texto “Mulheres na física: Sub-representatividade e reinvenção na pandemia” buscam expor algumas reflexões sobre a presença das mulheres na carreira das Ciências Exatas, aqui particularmente da Física. Para dar corpo a essa proposta de “feminilizar” a Física, trazendo um destaque para o uso de simulações online durante a pandemia a partir da experiência de uma professora universitária da área.

No artigo “Ensino emergencial à distância durante pandemia de COVID-19: Perspectivas sobre uso da ferramenta Google Classroom e privacidade de dados”, Michelle Alves da Silva, Ágnes Cássia Grillo e Ana Elisa Sobral Caetano da Silva Ferreira, descreveram suas perspectivas sobre o uso da ferramenta Google Classroom e privacidade de dados no ensino emergencial a distância durante a pandemia de COVID-19. Em um exercício de reflexão desencadeado pelos dados apresentados no projeto Educação Vigiada, as três pesquisadoras debruçaram-se sobre a prática docente realizada na Educação Básica, nível fundamental II. Esse relato apresenta-se como uma possibilidade de reflexão de futuras práticas que usam tecnologias, considerando a problemática da mineração de dados, o uso da imagem, direitos autorais, política de privacidade e aumento da jornada de trabalho feminina.

Sobre a mesma ferramenta, as pesquisadoras Eliandra Francielli Bini Jaskiw e Claudemira Vieira Gusmão Lopes, Universidade Federal do Paraná, apresentam um relato dessa experiência, a partir do ponto de vista da experiência profissional das autoras, da revisão da literatura e de narrativas de professoras da relatam Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), via redes sociais, além de reuniões e encontros online via plataformas como o Google Meet. No texto “a pandemia, as TDIC e ensino remoto na educação básica: desafios para as mulheres que são mães e professoras”, as autoras destacam o adoecimento das mulheres que são mães e atuam na docência, que já vivenciavam uma situação de sobrecarga no trabalho, ampliado

consideravelmente durante a pandemia. Nesse sentido, as mães e professoras têm apresentado sintomas de adoecimento compatíveis com a Síndrome de Burnout, o qual precisa ser melhor investigado.

Do Centro Universitário UNINTER, do Paraná, as pesquisadoras Márcia Maria Fernandes de Oliveira, Laureane Nascimento Aparecida Nascimento, Rubiane Bakalarczyk Matoso e Elisângela Pinheiro Pechim Soares, trazem-nos o artigo “O isolamento social imposto pelo Covid-19, a jornada diária de mulheres e a utilização das tecnologias”, fruto da reflexão de quatro mulheres dentro deste momento ímpar em que a sociedade mundial vive, frente ao isolamento social inserido como um dos mais eficazes métodos contra o contágio do vírus, em regime de home office nos dividindo entre as múltiplas tarefas diárias, que na maior parte do tempo tem incluindo três turnos de trabalho, destacando a utilização das tecnologias para o exercício do compromisso com o trabalho profissional, mas também como redes de encontro sociais com familiares, amigos e até comemorações virtuais.

No texto “Caminhos do feminino e do masculino: isolamento social e novas tecnologias”, a professora Doutora Elane Nardotto Rios, do Instituto Federal da Bahia, defende, dentre tantas frentes a forma com as sufragistas lutaram e enfrentaram os homens de seu tempo, negando seus úteros e toda feminilidade, sendo necessário, naquele contexto de início de século XX, despertar suas manifestações masculinas a fim de igualar-se aos homens na esfera política e, por consequência, na esfera do mundo do trabalho público, enfatizando que as mulheres vêm conquistando seu espaço em um lugar legitimado e reservado, culturalmente e historicamente, para os homens, sem uma necessidade de eles ressignificarem suas masculinidades, suas formas de dominação e construção de existências.

No relato, “Minha mãe e Eu”: Mulheres, Professoras e trocas educacionais em tempos de distanciamento social”, de Carolina Queiroz Santana e Noemia Barreto Queiroz Santana, professoras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e da Rede Municipal de Milagres-BA, respectivamente, apresentam as experiências a partir das vivências de duas mulheres professoras, mãe e filha,

durante a pandemia do COVID-19, buscando responder o questionamento: quais condições de trabalho são colocadas as mulheres professoras, no contexto da pandemia mundial e destacando as condições colocadas ao trabalho remoto por meio de tecnologias digitais, pouco levam em conta o acúmulo da jornada de trabalho direcionado a mulher.

Da Universidade Federal de Mato Grosso, Aliana França Camargo Costa e Kátia Morosov Alonso, com o artigo “Mulheres, pesquisa e produção científica em tempos de isolamento social: entre o sentir, o cuidar e o tecnológico”, intencionam buscar horizontes na perspectiva do ideal comunitário, na cultura do sentir, na cultura do cuidado e como todos nós estamos enredados pelo tecnológico a partir do contexto da cultura digital, na qual se forma a sociedade em rede. Para observar o que está ocorrendo do lado de cá do isolamento social de uma pós-graduanda, refletiram sobre a utilização do celular, um artefato tecnológico muito presente na vida dos indivíduos.

Com o título “Uma janela para o mundo: ensaio sobre maternidade, produção científica e uso de tecnologias em tempos de pandemia”, Ariana Campana Rodrigues, da Universidade Estadual Paulista, traz um ensaio que trata, por meio de narrativa pessoal, sobre a questão de que carreiras acadêmicas de mães pesquisadoras têm sido afetadas pela importante obrigatoriedade de isolamento social durante a pandemia de coronavírus e sobre as relevantes contribuições das tecnologias para minimizar esses impactos. A produção e divulgação de ciência por parte dessas mulheres diminuiu consideravelmente durante a pandemia, e é também menor em relação ao mesmo trabalho realizado por homens, pois a compreensível urgência do cuidado com os filhos e com o ambiente doméstico parece estar sendo mais assumido por elas.

Melina de Lima Peixoto, do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, em seu relato intitulado “Cantora lírica em casa, COVID-19 em cena”, apresenta medidas, alternativas e soluções encontradas para a sustentação do trabalho e da pesquisa acadêmica em casa, no contexto de uma pandemia que impõe distanciamento social e conseqüente isolamento domiciliar, com a singularidade de tratar-se, o sujeito,

de uma cantora lírica profissional e doutoranda em performance musical que lida com a arte direcionada ao público.

Do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Eliziane Cristina da Silva de Oliveira, mostra-nos, em seu texto “Mãe-pesquisadora: Os impactos do isolamento social em minha produção acadêmica durante a pandemia de COVID-19”, que a pandemia provocou mudanças significativas nas relações humanas e sociais em todo o mundo. O isolamento social, medida protetiva inquestionável para conter a propagação do vírus e controlar os números de casos de doentes, afirmou mudanças impactantes ao trazer para o ambiente doméstico todas as atividades escolares e profissionais, o que causou também mudanças, por exemplo, no ritmo da produção acadêmica, especialmente, de mulheres mães pesquisadoras.

Continuamos em Minas Gerais, com a pesquisadora Cislene Gomes Freitas, que com seu artigo “Vivências e experiências de uma mãe professora sobre usos da tecnologia em dias de distanciamento social” convida à uma reflexão acerca da geração de emoções que precisam ser trabalhadas para que a mulher permaneça inteira e desempenhe todos os papéis que cabem à ela. O distanciamento social pode ser cruel quando não permite o encontro dos amigos e o refrescar da alma, pois o contato de forma virtual não permite abraços, que reiniciam a alma. Há que se permanecer atento aos sinais de cansaço mental, pois esse é muito mais preocupante que o físico.

Do mesmo estado, da Universidade Federal de Minas Gerais, a mestranda Luciana Gomes da Luz Silva apresenta um panorama de como a pandemia alterou a lógica de funcionamento das relações de mães cientistas com seus filhos, trabalho, escola e estudos a partir do texto “Um caminho não imaginado: mães cientistas em debate com a ordem do discurso”. Essa configuração se modificou drasticamente no contexto pandêmico impondo que a realização das tarefas profissionais e escolares passasse a existir nas próprias casas.

Já da Universidade Federal de Uberlândia, Camila Silva Marques Serrati e Kamila Carleto Fernandes trazem “O trabalho de pesquisadoras durante a

pandemia da COVID-19: relatos e reflexões de práticas possíveis”, contando como têm funcionado nesse contexto, os encontros de grupos de trabalho, reuniões com orientadoras, entrevistas, o processo de produção acadêmica e grupos de estudos, além de outras práticas, entendendo o quanto a tecnologia tem sido necessária e potente na manutenção de nossos trabalhos e pesquisas, em uma prática inclusiva que abarque realidades na/para além da Universidade.

Com o objetivo de refletir sobre o marco histórico das conquistas femininas e a sua ressignificação na contemporaneidade em tempos de pandemia, bem como, mostrar as adversidades encontradas nos seus papéis, de mãe; docente; cientista e empreendedora, os pesquisadores Alessandra Nascimento Pontes, Gesyca Patrícia da Silva Santos, Noemi Mello Loureiro e Jaqueline Maria da Silva descrevem o artigo “Os desafios da mulher empreendedora em tempos de pandemia (COVID-19) e o enfrentamento em conciliar: família e trabalho”, enfatizando a relevância dos debates contemporâneos sobre as conquistas femininas que embasam o discurso, de modo a impactar em sua produtividade acadêmica.

Assim, finalizamos este editorial desejando uma leitura reflexiva.

Amanda Tolomelli Brescia
Luana Priscila Wunsch
Yithsell Santiesteban Almaguer